



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ELEMENTO POTENCIALIZADOR DO
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA NO PROCESSO DE
ENSINO/APRENDIZAGEM: LEMBRANÇAS DE UMA INFÂNCIA
LUDICAMENTE MARCADA**

Ricardo de Freitas

Barra do Bugres – MT, 2017

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ELEMENTO POTENCIALIZADOR DO
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA NO PROCESSO DE
ENSINO/APRENDIZAGEM: LEMBRANÇAS DE UMA INFÂNCIA
LUDICAMENTE MARCADA**

Ricardo de Freitas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Artes Cênicas, do Instituto
de Artes da Universidade de Brasília, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Teatro.

Orientadora: Profa. M.^a Camila Borges Luz

Barra do Bugres – MT, 2017

RICARDO DE FREITAS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ELEMENTO POTENCIALIZADOR
DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA NO PROCESSO DE
ENSINO/APRENDIZAGEM: LEMBRANÇAS DE UMA INFÂNCIA
LUDICAMENTE
MARCADA

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a MS sob a orientação do (a) professor (a) Mestre Camila Borges Luz.

Barra do Bugres-MT, 25 de novembro de 2017.

Camila Borges Luz

Professora Mestre Camila Borges Luz

Angélica Beatriz Souza e Silva

Professora Mestre Angélica Beatriz Souza e Silva

Debora S. de Azevedo

Professora Mestre Debora Silva de Azevedo

Dedico este trabalho à minha
família e à minha saudosa
madrinha Izabel Maria Ferreira
Mota, que ela esteja em um lugar
lindo na eternidade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, curvo-me à Deus Pai e Criador do Céus e da Terra para agradecê-lo pelo dom da vida, por me dar saúde e determinação para desenvolver este trabalho.

Agradeço todas as professoras e professores que contribuíram com meu aprendizado durante os oito semestres de muito estudo e dedicação, em especial à minha professora orientadora Camila Borges Luz por suas orientações, para que eu pudesse escrever este texto e por me incentivar quando me sentia fraco e incapaz.

Não posso esquecer de agradecer a minha tutora presencial Erenil de Oliveira Magalhães, que sempre esteve me apoiando e me auxiliando no que era possível no meu processo de ensino aprendizado.

De forma alguma posso deixar de mostrar minha gratidão aos meus companheiros de todas as horas, nas viagens de Cuiabá ao polo na cidade de Barra do Bugres, nos momentos de descontração e de desespero na execução de algumas atividades. Então os meus mais sinceros agradecimentos aos amigos: Alberto Yassuo Yoshiara, Altiery Dallys, Alex Escame, Eduardo Butaka, Edilene Rodrigues, Jefferson Jarcem e Hiago Gonçalves.

Em especial quero agradecer a professora Maria Cristina Silva pela sua alegria, por passar energia positiva, por me incentivar sempre e pelo seu trabalho de tutoria. Então, obrigado professora por tudo e que Deus continue abençoando a sua vida sempre! É só ouro, poder e glória!

RESUMO

A minha diversão quando criança na comunidade Guanabara, no município de Reserva do Cabaçal, praticamente se resumia em ouvir minha mãe contar histórias, ato que ela praticava com maestria, utilizando elementos lúdicos das brincadeiras de faz de conta e cantigas populares. Este aspecto lúdico e cultural do universo infantil era muito forte na comunidade, isso sem falar das manifestações populares como: Folia de Reis, festas de santo, quermesses na igreja, confecção de judas na sexta-feira da Paixão para ser malhado ou queimado no sábado de Aleluia e bailes quase todo final de semana na casa de alguma família. As noites de lua clara eram o principal cenário para as contações de histórias e causos, para as brincadeiras e as cantigas de roda. Com isso, encontrei nas minhas lembranças de menino elementos fortes e fundamentais para que eu pudesse desenvolver este trabalho de conclusão de curso sobre a presença da teatralidade e dos aspectos lúdicos na contação de histórias como, elementos capazes de potencializar o desenvolvimento cognitivo da criança dentro do processo de ensino/aprendizagem, reverberando na sua fase adulta. A fim de desenvolver esta ideia, consultei as bibliografias que escolhi para me direcionarem neste trabalho, bebi na fonte de obras de outros autores que abordam o assunto e fiz o uso das mídias eletrônicas pesquisando em sites na internet. Os principais autores que nortearam o desenvolvimento deste trabalho foram: Luciana Hartmann, Clarice Cohn, Horace Minner e Célia Gomes por escreverem a respeito das narrativas no processo de contação de histórias, por tratarem do corpo do narrador e do universo lúdico da criança.

Palavras-chave: Teatralidade, Lúdico, Contação de Histórias e Desenvolvimento Cognitivo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – O lúdico teatral na infância da comunidade de Guanabara.....	11
1.1 A comunidade de Guanabara: contexto histórico e características gerais.....	11
1.2 O lúdico teatral na infância: importância, necessidade e aspectos gerais.....	12
1.3 A infância na comunidade de Guanabara nos anos 1970 e 1980: o lúdico de então.....	15
1.4 A infância na comunidade de Guanabara nos dias de hoje: a quase ausência do lúdico.....	16
CAPÍTULO 2 – A Contação de histórias e o desenvolvimento cognitivo da criança.....	19
2.1 Histórias da infância à fase adulta.....	19
2.2 Uma história verídica das que minha mãe contava.....	22
2.3 Histórias e Causos no Ensino/Aprendizagem.....	24
2.4 O Lúdico Infantil no processo de desenvolvimento cognitivo da criança.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

INTRODUÇÃO

Quem me inspirou a desenvolver esta pesquisa foi a professora escritora Luciana Hartmann, através do contato que tive com seus textos no curso de Licenciatura em Teatro da UnB – Universidade de Brasília, na disciplina “Tópicos Especiais em Artes Cênicas II”, durante o processo de contação de histórias. Durante a disciplina fui instigado a retomar meu passado na comunidade Guanabara, através das minhas lembranças, buscando elementos lúdicos sobre as histórias que eu ouvia, das brincadeiras e cantigas de roda que eu praticava e das encenações teatrais que eu presenciei nas décadas de 1970 e 1980, período da minha infância.

Assim, este trabalho de conclusão de curso busca compreender como a contação de histórias pode influenciar de maneira positiva a vida da criança, reverberando na sua fase adulta, firmando-a como um agente capaz de escrever a própria história. Além disso, o texto traz ao leitor reflexões sobre a importância da teatralidade e dos elementos lúdicos presentes no conjunto da contação de histórias e causos, nas brincadeiras e nas cantigas de roda e que compõem o universo infantil para o processo de desenvolvimento intelectual da criança.

O texto tem também o intuito de abordar um pouco das minhas experiências pessoais com as histórias e causos que eu ouvia quando criança, descrevendo ainda as minhas travessuras de infância e adolescência na comunidade rural onde nasci, “Guanabara”, que não é a conhecida Baía de Guanabara, e um pouco da minha trajetória dentro do Teatro, como também fazer com que o leitor perceba o quão importante é o aspecto lúdico deste conjunto de linguagens para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Para alcançar este objetivo, este trabalho sobre contação de histórias e causos foi desenvolvido com o intuito de trazer reflexões ao leitor sobre a importância da teatralidade e do lúdico infantil para o bom desenvolvimento da criança no processo do ensino/aprendizagem, bem como, as brincadeiras de faz de conta, as cantigas populares e o contato com elementos da cultura popular.

Assim, tratando de ludicidade do universo da criança, as minhas memórias de infância na Guanabara no tocante à prática de ouvinte de contação de histórias, de outros elementos que permeavam minha meninice e a minha trajetória no teatro foram fundamentais para o desenvolvimento do meu trabalho de pesquisa. Guanabara, comunidade rural carregada de encanto e beleza, pelo menos para mim que sou filho da terra, nascido e criado lá; a vegetação é composta pelos três biomas brasileiros: cerrado,

pantanal e mata amazônica. É um lugarzinho meio que perdido no nada, com montanhas, várzeas (brejos) e grande parte de terreno arenoso onde encontramos árvores frutíferas como: pequi, umbu, bacupari, mangaba, ananás, marmelada, jatobá, jaracatiá e muitas outras. Lá tem inúmeras nascentes, córregos e riachos com muitas cachoeiras e quedas d'água, com isso, foi um lugar propício para o funcionamento de monjolo e moinho tocados a água para a produção de fubá e canjiquinha de milho.

Guanabara localiza-se no interior do interior de Mato Grosso, no município de Reserva do Cabaçal que fica na região leste do estado de Mato Grosso à 380 quilômetros da capital Cuiabá. Guanabara há 40 anos atrás foi uma comunidade muito carente em relação a modernidade atual. Tudo era feito manualmente, como ralar mandioca para fazer farinha, moer cana para tirar o caldo para fazer café, socar arroz e café no pilão, torrar café e moer no moinho manual. Raros moradores tinham motor a diesel ou a gasolina para fazer essas atividades. As roupas eram lavadas manualmente no córrego. O processo de lavagem era muito lúdico, passava o sabão caseiro na roupa, esfregava com as mãos, batiam em pedras ou em pranchão de madeira, depois eram colocadas no sol para quarar e depois de algum tempo era recolhida, esfregada, enxaguada, torcida e estendida para secar.

Deste modo, tudo era realizado manualmente e com muito sacrifício. Para ir na cidadezinha Reserva do Cabaçal fazer compras ou resolver outras coisas, era a pé, a cavalo, de bicicleta quem tinha ou em carroça de burro. Carro ninguém tinha. Quando eu andei de fusca a primeira vez fiquei fascinado, era algo mágico para mim. Era assim a vida de quem morava na Guanabara. A cidade Reserva do Cabaçal é pequenina e pacata, mas com gente humilde, hospitaleira e com o linguajar voltado mais para o caipirês.

Hoje quando recordo do meu passado lá na Guanabara, mesmo com uma infância de trabalho pesado na roça, acho lindo e poético. Por causa do serviço braçal na roça, de sol a sol sem nenhuma espécie de proteção, carrego nas minhas pernas os sinais das labutas diárias. São minhas cicatrizes e marcas de uma vida. Essas marcas que o trabalho e o tempo deixaram no meu corpo vêm muito de encontro com que Luciana Hartmann trata em seu artigo “A memória na Pele” (2009), sobre a contação de histórias:

É a esta memória marcada na pele, nos ossos, nos músculos, que os narradores recorrem no momento das performances para contarem sobre si mesmos e sobre os valores de sua cultura. Essas marcas corporais, cicatrizes visíveis, são testemunhas de histórias de vida que se constroem a partir de conflitos que foram, em muitos casos, vencidos pelo corpo ou através do corpo. A constante busca de superação desses conflitos previstos pela cultura local (conflitos com os pais, na infância; com o companheiro ou a companheira, no casamento; com

os animais, no trabalho; com o próprio corpo, em situações de doença: ou pelas brigas diversas) (p. 217).

Além da prática de contação de histórias antigas e causos, tão intensa na Guanabara, as encenações teatrais no formato de repente nas festas populares, as brincadeiras e cantigas-de-roda que também são conhecidas como Cirandas, eram bem frequentes na diversão das crianças da comunidade, nas décadas de 1970 e 1980. Tudo isso formava o principal meio de entretenimento das crianças e juventudes daquele lugar. Falando em crianças, quase todas que ali viviam eram carentes e suas diversões raramente saíam do contexto da contação de histórias, acompanhada das brincadeiras de faz-de-conta e cantigas populares embaladas por versinhos. Assim, nas noites de lua clara, os pais tinham o costume de levar seus filhos e filhas às casas dos vizinhos para participarem da contação de histórias realizada por uma pessoa adulta em volta de uma fogueira e se divertirem brincando com as outras crianças. Tudo era só diversão, maldade e exploração infantil como as que afetam hoje nossas crianças quase não existiam.

Acredito verdadeiramente que a contação de histórias e causos na infância, assim como as brincadeiras e cantigas de roda com todos seus aspectos lúdicos, juntamente com os fazeres teatrais presentes nelas, podem ter grande significância no processo de desenvolvimento da criança. Deste modo, acredito que o ato de contar histórias e causos para a criança pode influenciar de forma positiva no seu desenvolvimento durante a infância, prosseguindo às outras fases da sua vida.

A criança que ouve histórias cotidianamente desperta em si a curiosidade e a imaginação criadora e ao mesmo tempo tem a chance de dialogar com a cultura que a cerca, e portanto, de exercer sua cidadania. O encontro do seu imaginário com o mundo de personagens tão diversificados pertencentes aos contos sejam eles tradicionais ou contemporâneos, é fator de grande enriquecimento psicossocial (BEDRAN, 2012, p. 15)

As crianças do século XXI vivem o auge das novas tecnologias e os avanços do mundo virtual. Elas têm o mundo na palma da mão, isso faz com que fiquem por dentro de tudo que está acontecendo em tempo real; por outro lado, tudo nos leva a entender que estas crianças estão perdendo a imaginação, a capacidade de fantasiar e o contato com as histórias e causos sobre seus antepassados de forma oral. Os pais não tiram mais um tempo para contar uma história para seu filho quando vai para cama dormir. Com isso, creio que o profissional de teatro pode desempenhar um grande papel nesse contexto, tornando-se um grande mediador na relação da criança com as histórias, usando da teatralidade para produzir espetáculos com a linguagem de contação de histórias.

Diante do panorama atual sobre o universo da criança, no tocante aos aspectos lúdicos que estão sufocados com as tendências tecnológicas, o texto propõe ao leitor um olhar mais poético sobre a infância, fase importantíssima para que o indivíduo tenha um bom desenvolvimento em sua fase adulta. Portanto, os livros e autores que servirão de instrumentos de apoio para as abordagens e reflexões são: Luciana Hartmann, com os artigos “A memória na Pele: performances narrativas de contadores de ‘causos’” e “‘Revelando’ Histórias: os usos do audiovisual na pesquisa com narradores da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai”; Clarice Cohn, com o livro “Antropologia da Criança”; e Horace Minner, com o artigo “O Ritual do Corpo entre os Sonacirema”.

O trabalho de pesquisa será dividido em dois capítulos, o primeiro traz uma contextualização histórica da cidade Reserva do Cabaçal e da Comunidade Rural Guanabara, assim como as reflexões das minhas lembranças de criança sobre as histórias e causos que eu ouvia da minha mãe, do meu pai e da Dona Cota, das brincadeiras e cantigas-de-roda das décadas de 1970 e 1980; e no segundo capítulo serão tratados assuntos relevantes à contação de histórias e reflexões acerca da importância da teatralidade e dos aspectos lúdicos presentes nelas para o bom desenvolvimento cognitivo da criança, reverberando na fase adulta.

Para isso, as minhas lembranças e memórias afetivas foram instrumentos riquíssimos no processo de desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso. Assim, a minha sensibilidade de menino campestre que adorava ouvir histórias dos mais velhos e que é carregada de uma ludicidade ainda ingênua, me ajudou a desenvolver esta pesquisa:

Desde menina muito pequena, lembro-me de minha mãe ora na beira da cama do meu quarto contando uma história, ora com o violão, cantando modinhas e toadas encantadoras que falavam de amor, jangadeiros, mar, passarinhos, saudade, casinhas pequeninas, beiras de rio, azulões, ingratos e ingratas, finais felizes, abandono, solidão, anéis, viagens sem fim. Imagens “choviavam” no céu do meu pensamento... (BEDRAN, 2012, p. 15).

CAPÍTULO 1 – O lúdico teatral na infância da comunidade de Guanabara

Neste capítulo 1, trago ao leitor uma contextualização histórica da comunidade Guanabara, da pequena cidade Reserva do Cabaçal e reflexões sobre minhas lembranças de criança na comunidade, em contato com a contação de histórias, as brincadeiras infantis e as cantigas de roda.

1.1 A comunidade de Guanabara: contexto histórico e características gerais

Falar na comunidade do Guanabara é como se falasse de um lugarzinho no meio do nada. Uma comunidade rural localizada no interior do interior de Mato Grosso, no município de Reserva do Cabaçal que fica na região leste do estado. Nas décadas de 1970 e 1980 era uma comunidade precária, não tinha luz elétrica, muito menos televisão; quem podia comprar tinha um radinho a pilha. Na época, a sensação do momento era a Rádio Nacional de Brasília, com os programas da Tia Heleninha, Edelson Moura e Márcia Ferreira, além da rádio novela.

Hoje a comunidade está muito diferente, em alguns aspectos evoluiu para melhor, tem energia elétrica, os moradores têm televisão e telefone celular rural em casa, quase todos têm um carro ou uma moto para ir até a cidade Reserva do Cabaçal que fica a 12 quilômetros de distância da comunidade. Mas existe um lado triste desse desenvolvimento, devido à agressão do homem à natureza, na comunidade não há beleza de antes, o córrego Guanabara está assoreado, não tem mais peixes, as águas não são mais transparentes como na minha infância e não dá mais para mergulhar. É muito triste! A vegetação se resume apenas em pastagens para o gado leiteiro, as revoadas de pássaros são raras e outros animais como capivara, cutia, tatu, anta e muitos outros são espécies quase em extinção na comunidade.

A pequena e pacata cidade “Reserva do Cabaçal” parece uma pérola cravada em meio à serra. É tão pequena e singela que mais parece uma maquete, mas tem um povo hospitaleiro que dá gosto de ver, uma gente que mantém as tradições e os costumes de seus antepassados. A cidadezinha foi colonizada por mineiros e capixabas na década de 1960, tendo hoje aproximadamente 2.500 habitantes na zona rural e urbana. A cidade, apesar de ser pequena, já foi palco de grandes shows de artistas renomados como Zé Ramalho, Renato Teixeira, Netinho da Bahia e Paulo Ricardo, mas já teve grande

destaque no teatro com o grupo “Palcos & Quintais”, formado na cidade e com mais de 30 anos existência, sendo premiado no estado e fora do estado.

A economia do município se baseia na agropecuária com a predominância no gado leiteiro, em segundo lugar em gado para corte. O município tem também um grande potencial turístico, porém pouco explorado. Lá podemos encontrar inúmeras cachoeiras, corredeiras e a maravilhosa Serra de Monte Cristo que circunda a cidade com alguns mirantes fantásticos; isso sem falar do Rio Cabaçal que margeia a cidade com suas águas limpas e totalmente livres de agrotóxicos e de esgoto.

Reserva do Cabaçal, devido ao fato de ter sido colonizada principalmente por pioneiros oriundos do estado de Minas Gerais, possui tradições mineiras e por coincidência sua topografia montanhosa lembra um pedaço do estado de origem dos primeiros desbravadores.

A prefeitura da cidade promoveu por muitos anos um grande evento cultural chamado “Fei Arte”. Era uma festa que atraía pessoas de todo o estado do Mato Grosso e de outros estados também. Os artistas renomados citados mais acima eram a atração principal do evento, em seguida era o grupo de teatro “Palcos & Quintais” com o espetáculo de dança “A mãe do ouro”, espetáculo esse que ficou em cartaz por mais de uma década. Infelizmente, este evento cultural “Fei Arte” não existe mais, só ficou nas lembranças do povo reservense.

1.2 O lúdico teatral na infância: importância, necessidade e aspectos gerais

A vegetação do meio rural, os animais silvestres e domésticos, os pássaros em revoadas, as rochas e rochedos, as cachoeiras e corredeiras, as cascatas, os rios e riachos, o fogão a lenha e o forno de barro usado para assar a quitanda e a broa, a panela de ferro, o machambombe (ferro a brasa de passar roupa), a foice, a enxada, o machado e o cutelo, o arado e a matraca de plantar grãos (objeto usado para colocar a semente na terra), o lampião a querosene, a lamparina, o candeeiro (objeto usado para produzir fogo com o uso de azeite), o bule e a caneca esmaltada. Ah! Não se pode esquecer também o pinico esmaltado, o companheiro inseparável nas noites escuras e chuvosas. Tudo isso e muito mais sempre fizeram parte da minha vida na infância e adolescência de menino camponês.

Ainda hoje, as brincadeiras, as peraltices, a simplicidade e a pureza de menino campestre estão impregnadas na minha vida; são visíveis nas minhas atitudes, no meu modo de ser e expressar. Que delícia era a ingenuidade de menino da grota, as

brincadeiras de montar nos cabritos, se esconder no milharal cultivado perto de casa, subir nas árvores, nos pés de ingá e de manga para pegar o fruto maduro e comer sentado no galho. Que coisa deliciosa! Aí, já aproveitava o embalo e a oportunidade e pulava nas águas frias e transparentes do córrego Guanabara... jogar peteca, pular corda, fazer os próprios carrinhos de madeira, de latinhas de sardinha, de óleo de comida e de chinelo velho, brincar de esconde-esconde e jogar belisco (jogo com 12 ou 5 pequenas pedras também conhecido com as Três Marias).

Segundo Farias (2013) as brincadeiras fazem com que a criança se desenvolva:

Sabe-se que por meio das brincadeiras a criança se socializa, encontra prazer, desenvolve a afetividade, a motricidade, e o cognitivo, além de criar e reconstruir a realidade à sua volta. Assim, percebe-se a importância do brincar dentro desse processo, pois através das brincadeiras é proporcionado a criança um momento de distração, conhecimento e troca de experiências, levando-a à criatividade, sem esquecer de mencionar a relação entre professor-aluno-ludicidade, que contribuem para o desenvolver dessa fase tão importante na vida escolar de qualquer sujeito (p. 24).

Meus pensamentos voam no tempo quando começo a falar da minha infância no meio rural, aí, eu lembro muito bem de como eram as quermesses na igreja da comunidade. Lá que eu tive os primeiros contatos com o teatro. Às pessoas que organizavam a festa faziam pequenas encenações para apresentar no evento como forma de entretenimento para quem estava ali festejando, mesmo sem saberem que aquilo era teatro.

De todas as apresentações, a encenação que mais marcou minha vida e está muito viva na minha memória até hoje é a história do Sebastião e da Sebastiana, um casal de velhinhos briguentos que ficavam implicando um com o outro e falavam em forma de versos para provocar. Era muito engraçado e divertido. Parecia uma trova, lembra um pouco a Literatura de Cordel. Recordo de alguma coisa mais ou menos assim: Bastião falava: – Bastiana foi à rua e comprou um picolé, pois no fogo para esquentar, então o picolé derreteu minha gente e Bastiana começou a chorar. Bastiana: – Bastião não me faz vergonha, deixa de me envergonhar. Bastião: – Isso não é vergonha não minha velhinha, isso é para te consolar. Bastiana: – Bastião pôs o feijão no fogo e tacou fogo para cozinhar, mas antes do feijão ferver minha gente, Bastião queria comer. Bastião: – Bastiana não me faz vergonha, deixa de me envergonhar. Bastiana: – Isso não é vergonha não meu velhinho, isso é para te consolar. Assim, seguia a história, um provocando o outro. Para mim era algo fantástico. Meus olhos ficavam vidrados na cena.

Realizando um esforço de análise das encenações que eram apresentadas, percebo que possuem uma grande relação com a contação de histórias, carregadas de teatralidade, porém, na época nós não tínhamos ainda essa percepção, tudo era feito pelo simples prazer de brincar. Quase tudo era na base do improviso. As pessoas que estavam brincando ou, melhor dizendo, encenando, tinham toda liberdade para criar e propor estímulos ao companheiro, a regra era divertir-se na brincadeira e fazer divertir o espectador. Refletindo hoje sobre essas pequenas apresentações que presenciei na minha infância, percebo que o que importava para aquelas pessoas que estavam propondo a brincadeira era que não o estavam fazendo somente para sua satisfação pessoal, mas sim para promover a diversão de quem estava assistindo. Tudo era carregado de uma ludicidade ingênua, de muita emoção e sem tanto rigor técnico.

Além das encenações que aconteciam nas festas populares, tinha o momento para contação de histórias, para as brincadeiras de cair no poço, passar anel, salada de frutas, morto vivo e muitas outras, assim como para as cantigas de roda com versos. Todos estes elementos se relacionam intimamente com conceito da teatralidade, pois o corpo do brincante quando está em ação é posto em evidência nas múltiplas ludicidades que contribuem com o crescimento do sujeito agente dentro da brincadeira. Além do que, cremos que as brincadeiras e cantigas de roda não deixam de ser um instrumento fortíssimo para o trabalho do contador de histórias, sem falar da dimensão teatral que essas linguagens propõem.

A festa na igreja era tudo de bom, tinha procissão com bandeiras e muitos fogos, algumas crianças e adolescentes eram vestidas de anjos para coroar Maria mãe de Jesus, isso falando da festa no mês de maio. Na hora da coroação uma das meninas, vestida de anjo, cantava o alfabeto e era a coisa mais linda. Recordo de alguma coisa assim: diz o A – Avemaria, diz o B – Bondosa e Bela, diz o C – Cheia de Graça e diz o D – Divinas flores. Assim, seguia até a última letra do alfabeto.

Depois da celebração eram feitos leilões e as apresentações no pátio da igreja em um pequeno palco improvisado de madeira e até num coreto que tinha onde aconteciam as aulas de catecismo. Além de tudo isso, tinham as brincadeiras e cantigas de roda; eram tantas que ainda recordo de algumas como: fui à Bahia buscar meu chapéu, xô pavão-pavão da ventania, eu vou brincar ri-ri, o ceguinho que anda a pedir, lá vem a menina de tão longe, quebra-quebra gabioba, tanta laranja madura menina, caí no poço, passar anel, pé na lata, queimada, jogar peteca, pular corda, corre cutia, roubar bandeira, ronda, pingorré, liga, chicotinho queimado, os três negrinhos da África e muitas outras.

1.3 A infância na comunidade de Guanabara nos anos 1970 e 1980: o lúdico de então

O universo da minha infância foi recheado de histórias, brincadeiras e cantigas de roda. Apesar de ter sido uma criança pobre que desde muito cedo tive que trabalhar para sobreviver, com responsabilidades de adulto trabalhando na roça, carpindo, roçando, pegando café e realizando outros trabalhos braçais que a vida na roça exigia, minha infância foi maravilhosa. Eu tinha uma ingenuidade de caipira, um coração puro de criança que não teve contato com tantas coisas maléficas que o mundo proporciona ao indivíduo. Eu construía meus próprios brinquedos reaproveitando objetos e utensílios velhos que não serviam mais para o uso diário.

A minha vida era de uma ludicidade incrível, eu ficava horas construindo brinquedos com meu sobrinho mais velho “Lindomar”, a diferença de idade entre eu e meu sobrinho não chega nem a três anos. Isto fez com que eu e ele crescêssemos juntos, brincando e nos divertindo, mas como toda criança brigávamos também. Então, na infância ele foi o meu melhor amigo. A mãe desse meu sobrinho, minha cunhada Luzia, também contava muitas histórias e eu tive o privilégio de ouvir algumas narradas por ela. O meu irmão João, conhecido como Jojó, o pai do Lindomar, tinha muitos livros de histórias de Literatura de Cordel. Isso fazia com que minha cunhada tivesse um bom repertório de histórias.

Segundo Sousa (2015) o lúdico no processo de ensino/aprendizagem está envolvido nos:

Jogos ou brincadeiras em que a criança se diverte, dá prazer à ela e até mesmo o desprazer quando escolhido voluntariamente, e a partir da diversão e do prazer fornecidos pelos jogos e brincadeiras, a criança aprende qualquer coisa que complete a pessoa em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. Antes de explicar qualquer conteúdo na teoria, seria interessante se o professor levasse alguma brincadeira que tenha a ver com o assunto que irá tratar, pois através da brincadeira a criança aprende melhor o conteúdo e é muito difícil esquecer-lo (p. 173).

Quando eu ia juntamente com minha irmã Madalena dormir lá na casa da minha cunhada, para servir de companhia para ela e meu sobrinho Lindomar quando meu irmão viajava, apesar de ficar com um pouco de medo, normalmente era só diversão. O medo que falo era pelo motivo de ser no sítio e a casa cercada de mato. A minha cunhada parece que se transformava em criança, jogava belisco conosco, brincava de esconde-esconde e depois ficava até tarde da noite contando histórias para nós, tanto do repertório da

Literatura de Cordel e outras que ela também tinha ouvido quando criança. Ela contava histórias que nos faziam emocionar, mas também algumas que nos faziam sentir muito medo.

Tudo isso fez parte daquele momento tão lúdico na minha vida. A minha cunhada, às vezes se fantasiava para contar histórias, ela imitava as vozes que achava que eram do jeito que ela propunha e fazia as expressões com o corpo de acordo com as ações das personagens da história que ela narrava. Eu, meu sobrinho e minha irmã, como espectadores, tínhamos as mais variadas reações e isso estimulava a criatividade da minha cunhada. Depois, quando íamos dormir, eu demorava a pegar no sono, confesso que eu ficava lembrando de algumas das histórias que minha cunhada tinha contado e sentia medo. Sendo assim, além do meu pai, da minha mãe e da Dona Cota, a minha cunhada era uma excelente contadora de histórias.

De acordo com Ramos (2011), os contadores de histórias tinham uma grande responsabilidade, eram figuras de destaque na comunidade que através de suas narrativas orais mantinham vivas as tradições. Nisto, percebo que as pessoas que citei, que contavam histórias para mim, tinham todas as características de contadores de histórias que Ramos descreve:

Os contadores eram figuras de destaque na comunidade por serem os que sabiam apresentar conselhos, fundamentados em fatos, histórias e mitos, mantendo viva, enfim, a herança cultural pela memória do grupo. Os contadores retiravam de suas vivências e dos saberes delas obtidos o que contar. Em assim sendo, narrar dependia de eles colherem os saberes da experiência, e de produzi-los em objetos (visuais, auditivos, etc.) para serem apresentados a outros (p. 30).

1.4 A infância na comunidade de Guanabara nos dias de hoje: a quase ausência do lúdico

Hoje, em pleno século XXI, quando volto na comunidade onde nasci e passei toda minha infância, percebo uma certa ausência de ludicidade nas poucas crianças que vivem ali. Da última vez que estive lá, foi em janeiro de 2016, permaneci na comunidade por três dias, hospedando-me na casa da dona Luzia, uma das primeiras moradoras da comunidade que vive ali até hoje. Durante os três dias que permaneci lá na comunidade pude observar nas crianças com quem tive contato, que as brincadeiras e cantigas de roda são outras, elas estão mais individualistas, envolvidas com o seu próprio mundo. Aí quando citei algumas brincadeiras como boca de forno, jogar belisco e pé na lata, pude perceber que ninguém as conhecia.

Segundo Farias (2013), as cantigas de roda foram, aos poucos, sendo modificadas:

As cantigas de roda foram sendo alteradas gradativamente, e hoje passa a ser usada como mecanismo não apenas de diversão, mas também de socialização, uma vez que a brincadeira é a linguagem da infância, onde a criança significa e ressignifica o seu mundo, constrói sua autonomia e forma os alicerces que lhe servirão para trilhar a vida adulta (p. 27).

Também, nos dias atuais, a comunidade tem energia elétrica, as pessoas que vivem ali têm carro e moto para se deslocarem até a cidade e praticamente todos os moradores tem televisão e telefone celular em casa. Talvez isso seja um dos motivos do distanciamento das crianças com a ludicidade infantil, pois estão mais focadas nas redes sociais, em jogos virtuais e em assistir televisão.

Por outro lado, mesmo brincando menos, as crianças de hoje lá da comunidade Guanabara estão mais antenadas com as coisas que estão acontecendo no Brasil e no mundo, pois, apesar morarem no sítio, estudam na cidade. Isto ajuda a terem mais acesso às informações e de certo modo o fato de estudarem na cidade possibilita também o contato com o Teatro e até mesmo a participarem de alguma peça na escola.

De acordo com Sousa (2015), as brincadeiras infantis podem contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Através da brincadeira, a criança desenvolve o senso crítico tendo opinião própria, pois por meio do brincar, a criança desenvolve o seu cognitivo, ela mostra quem ela realmente é, sem máscaras. Por isso, através do brincar a criança aprende e se desenvolve, o brinquedo tem esse papel fundamental para uma criança (p. 186).

Ah! A dona Luzia, a senhora que fiquei na casa dela, é comadre da minha mãe, ela é uma senhora com mais de 70 anos de idade. Então, a dona Luzia relatou a mim que de vez em quando ela conta umas histórias aos seus bisnetos e bisnetas, pois os netos e netas já estão grandes e com pensamentos em outras coisas, palavras de dona Luzia. Assim, esse detalhe que observei na comunidade também me ajudou na inspiração para desenvolver esta pesquisa sobre contação de histórias.

Vejo o lúdico na vida da criança como tão importante quanto a necessidade de comer para manter o corpo físico forte e saudável. Assim, é o lúdico que ajuda a criança a ter uma mente sã e descobrir suas “características afetivas, intelectuais e físicas”, como aponta Winnicot (1975), destacado no texto “Importância do Lúdico na Infância”, encontrado no Portal Educação:

É por meio das atividades lúdicas que a brincadeira traz o prazer e a espontaneidade para a criança. Com as atividades lúdicas a criança desenvolve suas características afetivas, intelectuais e físicas, pois é por intermédio do

brincar que ela se descobre e descobre o mundo a sua volta. “É no brincar e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu eu” (PORTAL EDUCAÇÃO, 2013).

Saudades ainda sinto da minha infância querida e de momentos muito significativos como: levar milho para moer no moinho tocado a água, pôr arroz para socar (limpar) no monjolo e muitas das vezes socar no pilão ficando com as mãos todas calejadas. Saudade de tomar cafezinho feito de melado (mel de cana), de rapadura ou de garapa (caldo de cana), beber limonada feita também com garapa e comer aquele franguinho caipira com quiabo. Todas essas coisas fazem parte de minha cultura, que ficou muito arraigada em certo período da minha vida. Hoje só ficaram as lembranças e os aprendizados de uma cultura maravilhosa que encontramos somente no campo, no meio do povo camponês.

Hoje a cultura rural já não faz parte direta da minha vida, busco novos conhecimentos dentro dos conceitos da cultura urbana. Mas o aprendizado e a passagem sem poder de escolha pela cultura campestre me levaram a ter um olhar diferente sobre a teatralidade dentro dos espaços da cidade, como um estranho caipira que procura vestígios dos elementos lúdicos rurais nas estranhas brincadeiras urbanas. Assim, falando em teatralidade, apresento a seguir uma definição do referido conceito, através de uma citação retirada do livro “Dicionário de Teatro”, de Patrice Pavis (2005):

A teatralidade seria aquilo que, na representação ou no texto dramático, é especificamente teatral (ou cênico) no sentido que o entende, por exemplo, A. ARTAUD, quando constata o recalcamento da teatralidade no palco europeu tradicional: “Como é que o teatro, no teatro pelo menos como o conhecemos na Europa, ou melhor, no Ocidente, tudo o que é especificamente teatral, isto é, tudo o que não obedece à expressão pela fala, pelas palavras, ou, se quisermos, tudo o que não está contido no diálogo (e o próprio diálogo considerado em função de suas possibilidades de sonorização em cena, e exigências dessa sonorização), seja deixado em segundo plano?” (1964b: 53) (p. 372).

Deste modo, agora vivendo nos espaços urbanos deixei de comer comida feita na panela de ferro em fogão a lenha para comer a feita em panelas de alumínio, inox, vidro ou cerâmica em fogão a gás ou até mesmo elétrico. Mesmo assim, ainda hoje continuo carregando a minha cultura camponesa na essência.

As crianças desde o nascimento, e na medida em que vão crescendo, buscam relacionar-se com o ambiente em que vivem; em um mundo de sentimentos que aos poucos vão se ampliando e no qual elas procuram compreender, de modo que constroem conhecimentos sobre a realidade e percebem-se como indivíduos únicos na sociedade (PORTAL EDUCAÇÃO, 2013).

CAPÍTULO 2 – A Contação de Histórias e o desenvolvimento cognitivo da criança

O segundo capítulo deste trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de apresentar algumas reflexões mais direcionadas para a contação de histórias como um elemento lúdico do universo infantil, fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança, reverberando na sua fase adulta. Para isso, serão abordadas algumas experiências minhas desde a minha infância até a minha fase adulta nos dias atuais.

2.1 Histórias da infância à fase adulta

O Lúdico Infantil sempre fez parte da minha vida desde a minha infância em contato com as brincadeiras e cantigas de roda, com as histórias e os causos que minha mãe dona Etelvina, meu pai o senhor Argemiro, minha cunhada Luzia e a dona Cota contavam para mim. Sem falar do contato com a Folia de Reis e as quermesses na igreja católica na minha Guanabara.

Segundo Sousa (2015), o lúdico infantil é fundamental para o processo de ensino/aprendizagem da criança.

A partir do lúdico é possível ver como a criança inicia seu processo de adaptação, sendo o lúdico um dos métodos para a aprendizagem, em que se tem uma aula voltada aos interesses das crianças sem perder seu objetivo. Os jogos e as brincadeiras são recursos metodológicos capazes de proporcionar uma aprendizagem natural e espontânea, ajuda a estimular a crítica, a criatividade e a sociabilização, sendo assim, considerados como uma das atividades mais significativas pelo conteúdo pedagógico social (p. 167).

Vejo que não é uma regra, mas desde cedo muitas pessoas podem ter um convívio com os elementos da teatralidade e não percebem. Penso que isso pode acontecer de várias formas, depende muito do indivíduo e do contexto em que ele está inserido. A contação de histórias é um desses elementos e, ao meu ver, muito significativa na vida da criança para o seu desenvolvimento. No meu caso, eu tive esse privilégio de ouvir muitas histórias quando criança. Mesmo com uma criação severa, meu pai e minha mãe tiravam tempo para contar histórias e causos de seus antepassados para os filhos. Deste modo, desde a minha infância eu vivo cercado dos elementos da teatralidade.

Definir a teatralidade como se faz, frequentemente, a partir do distanciamento do teatro em relação ao texto não é falso, mas pode levar ao uso unívoco e abusivo da noção. Em todo caso, Barthes preveniu-nos contra tal redução: ao mesmo tempo em que define a teatralidade como “o teatro menos o texto”, introduz o paradoxo que faz da teatralidade um “dado de criação, não de

realização” (“Em *Ésquilo*, em Shakespeare, em Brecht, o texto escrito é previamente tomado pela exterioridade dos corpos, dos objetos, das situações”, Barthes precisa) (SARRAZAC, p. 64 e 65).

Portanto, pude perceber, que tudo que a criança tem contato na infância reflete na fase adulta. Acredito que, todos os profissionais da educação quanto os pais principalmente precisam de boas estratégias para lidar com a criança; é necessário proporcionar a ela o contato com as coisas lúdicas do universo infantil, pois isso ajudará nas suas escolhas futuras, a distinguir na sua trajetória de vida os caminhos que deve de trilhar. Para isto, o ato de contar histórias poderá ser uma maravilhosa estratégia que ajudará no desenvolvimento cognitivo da criança, também como, contribuir na formação do seu caráter, ajudando-a a interagir no contexto em que vive com diplomacia e distinção dos seus direitos e deveres, do certo e do errado.

Segundo Ramos (2011), contar uma história precisa de preparação:

Sabemos que os alunos, quanto mais se afastam da infância, ou seja, das primeiras leituras, mais precisam ser estimulados, motivados para que seus desejos não se percam no desalento. Para se contar uma história é necessária uma preparação longa, desde a escolha até a performance para a apresentação da mesma. Esta preparação é que fará o professor-contador transformar-se em um exímio contador. Todo professor deve ser um contador de história, pois é através das histórias que encantamos e envolvemos nossos alunos (p. 89).

Assim, tratar da contação de histórias em conjunto com o conceito de teatralidade, podemos dizer que seria o mesmo que falar de criança no universo lúdico das brincadeiras de faz de conta. A contação de histórias pode ter na realidade um excelente potencial para ajudar no desenvolvimento da criança. A criança em seu período de formação tem uma facilidade de absorção das coisas que a ela são apresentadas. Sendo assim, os elementos lúdicos do universo da contação de história, trabalhados a partir da presença da teatralidade são essenciais para o desenvolvimento da criança em seus aspectos cognitivos, como afirma Ramos (2011) ao mencionar Sisto (2009):

Ao contar uma história o professor precisa estar atento “[...] ao fluxo da emoção na hora de contar, à linguagem empregada; [...] ao ritmo da fala, às imagens que cria com a voz, o corpo e a emoção para fazer o outro criar também [...]”. É preciso estar atento ao efeito que a história causa em nossos alunos. (p. 90).

O lúdico que permeia o universo infantil, independente do contexto em que a criança esteja inserida, traz riquezas de possibilidades criadoras para o seu desenvolvimento cognitivo. Isso pode repercutir de forma positiva na fase adulta do

indivíduo. Entendo, não quero dizer que isso seja o salvador da pátria, mas pode ajudar e direcionar o indivíduo diante de conflitos que encontrar na vida.

A comunidade Guanabara onde nasci, podemos dizer que nas décadas de 1970 e 1980 foi um celeiro da prática de contação de histórias, mesmo não sendo uma prática com uma teatralidade nos formatos de hoje, com todo aparato tecnológico que o contador tem acesso para usar como recursos para embelezar e envolver o espectador no contexto da sua trama. Mesmo não tendo uma noção do conceito de teatralidade e dos benefícios que a ludicidade da contação de histórias pode proporcionar na formação do indivíduo, naquele tempo na comunidade haviam as pessoas que contavam histórias e as que ouviam atentamente. Era uma prática feita com muita dedicação e emoção a flor da pele. Isso me leva a não ter dúvidas que o lúdico das práticas de brincadeiras infantis, das cantigas de roda e da contação de histórias na infância refletirá no desenvolvimento cognitivo da criança, reverberando na sua trajetória de vida, passando por sua juventude e prosseguindo o desenrolar da sua existência.

Desde que nascemos e durante toda nossa vida, ouvimos histórias. Histórias contadas pelas mães, ao embalar o filho para dormir, um familiar que gostaria que alguém soubesse algo que aconteceu ou que poderia acontecer, enfim, é uma gama de informações, situações e acontecimentos que podem ser contados, sejam elas reais ou fantasiosas (SANTOS, 2011, p. 27)

Ao falar em existência, o indivíduo durante sua trajetória de vida vai agregando em si marcas de experiências múltiplas, tanto no aspecto intelectual quanto no corpo físico, isso o contador de histórias utiliza como recursos primordiais para desenvolver o seu trabalho que é contar uma história que envolva e cativa o público alvo, que nesse caso da proposta da minha pesquisa é a criança. Então, amado leitor, não tenha vergonha das marcas que traz em seu corpo, as suas cicatrizes podem ser vestígios de suas experiências de vida e elas podem legitimar a sua história.

As marcas, portanto, não apenas identificam os sujeitos frente ao grupo como também ajudam a contara sua história particular. Através da comunidade narrativa, as histórias pessoais circulam e passam a fazer parte do imaginário da fronteira, criando, por sua vez, modelos para a realização de novas trajetórias (HARTMANN, 2009, p.223).

A citação acima deixa claro que as marcas que trazemos no corpo não são gratuitas, são elementos fortíssimos que ajudam o espectador a identificar o sujeito contador na sua narrativa. Ao contar uma história, todo o corpo do contador entra em um estado de tensão em uma sintonia entre narrativa oral e corporal. O corpo é o principal

instrumento nesse processo de contação de histórias. Tudo que esse corpo carrega em si são elementos primordiais para legitimar a narrativa do contador, ele é a própria história.

O contador de histórias é um artista que se situa no cruzamento de outras artes: sozinho em cena (quase sempre), narra uma história sua ou uma outra história, dirigindo-se diretamente ao público evocando acontecimentos através da fala e do gesto, interpretando uma ou várias personagens, mas voltando sempre a seu relato (PAVIS, 2005, p. 69).

2.2 Uma história verídica das que minha mãe contava

Falando em contar causos e histórias, vou falar um pouco de uma personagem não conhecida a nível estadual nem nacional e muito menos mundial, mas conhecida pelo povo da comunidade em que morava. Falo da minha mãe, que morava na comunidade Guanabara. Analisando bem ela, comparando com uma contadora de histórias dos dias atuais, não deixa nada a desejar. Minha mãe, que já é falecida, se chamava Etelvina, era mineira e uma excelente parteira. Era negra branca, magra, alta, falava alto. Sua vestimenta do dia a dia era um verdadeiro figurino, ela usava sempre uma combinação (peça de roupa que as mulheres usavam por baixo da roupa) ou saiote, também conhecida como anágua, um lenço branco na cabeça e vestido de chita (espécie de tecido). Etelvina Barreira, como as pessoas gostavam de chama-la; Barreira é um apelido de família herdado do seu pai. Ela era uma verdadeira contadora de histórias, interpretava as personagens fazendo as vozes e os gestos. Além de contar histórias, era mestre em cantigas de roda.

Gaúcho Barreto, de 62 anos - Livramento/BR, é um contador reconhecido tanto por sua habilidade como performer quanto por sua aparência física: ele tem uma longa barba, cabelos compridos, veste bombacha e calça sempre tamancos de madeira. Esta "estetização de si" que, de acordo com Paul Veyne (1987), pode ser uma estratégia empregada na constituição da subjetividade, parece caracterizar a concepção que Barreto faz de si mesmo (HARTMANN, 2009, p.224).

Assim, como o gaúcho Barreto, minha mãe era conhecida por ser raizeira, por fazer garrafada para as pessoas e pelo seu modo de vestir, usando sempre um lenço branco na cabeça. Apesar de outras senhoras que tinham o hábito de usar lenço na cabeça, ela era destaque aonde estivesse. Conto a seguir uma das histórias que ela contava, intitulada “A mulher que morreu e tornou a viver”:

Tudo aconteceu em uma tarde chuvosa do mês de dezembro, época que chovia muito naquela região. Dona Rosa estava na cozinha com seu esposo, ela fritava biscoitos

de polvilho para comer tomando café e o senhor Alevino, sentado em tamborete, observando-a com atenção em um papo agradável sobre a colheita de feijão que tinha sido abundante. De repente dona Rosa sentiu uma zonzeira, deu um grito: – Me acode! E caiu no chão ali mesmo e não teve mais reação de vida. Então, o senhor Alevino ficou desesperado e começou a gritar muito alto pedindo ajuda, até que seu compadre Zé Colodino, que morava mais perto, ouviu os gritos e foi correndo para ver o que tinha acontecido; encontrou a comadre Rosa caída no chão e o seu compadre debruçado sobre ela em pranto.

Imediatamente, o Senhor Zé Colodino, o compadre do viúvo, deu um jeito de comunicar toda vizinhança e mandar avisar as duas filhas que já eram casadas e moravam em outra comunidade distante por nome de Dracena. Assim, começaram os preparativos para o velório. Naquele tempo, funerária próxima não existia, quando morria uma pessoa a família do (a) defunto (a) pedia alguém que tinha o ofício para fazer o caixão de madeira maciça e sepultava no cemitério da comunidade.

Quando as filhas chegaram foi um desespero só, a Missois desmaiou e a Maria ficou descontrolada ao ver sua querida mãe esticada no banco coberta com um lençol branco (prática usada até o caixão ficar pronto para colocar o corpo). As duas filhas foram socorridas por pessoas amigas que estavam no velório, pois médico na comunidade não existia, quando alguém ficava doente ia ao benzedor ou tomava remédio caseiro de plantas medicinais.

Durante o velório uma senhora, a Dona Augusta, colocou um espelho próximo a boca da defunta para verificar se ela realmente estava morta, se embaçasse o espelho significava que estava respirando. Mas nada aconteceu.

As pessoas viraram a noite velando o corpo de dona Rosa. No outro dia, bem cedo, o caixão ficou pronto e o corpo foi posto dentro e as pessoas continuavam ali, consolando os familiares. Quando completou as 24 horas de velório, o viúvo pediu que lacrasse o caixão para o cortejo fúnebre, neste instante o inesperado aconteceu. Dona Rosa sentou-se ofegante dentro do caixão, tentando se desvencilhar da tira de pano que prendia suas mãos. Então, as pessoas que estavam ali saíram correndo, as duas filhas ficaram atônitas, paralisadas e o senhor Alevino ficou sem reação por um tempo, aí ainda muito trêmulo aproximou-se do caixão, segurou nas mãos da esposa e a tirou de lá e logo em seguida, as duas filhas se deram conta do que estava acontecendo e foram chorando abraçar a mãe.

Dizia minha mãe que dona Rosa ficou surda e muda por algum tempo; depois de alguns meses ela voltou a falar, mas sua audição nunca mais foi a mesma, ficou meio surda. Ela falou que naquele espaço de tempo que ficou morta ela esteve no céu e no inferno, que contaram um segredo para ela, mas que nunca podia revelar a ninguém, senão ela morria antes do tempo.

Depois disso, dona Rosa viveu muitos anos ainda, enterrou o marido, não contou o segredo para ninguém e guardou o caixão como lembrança.

2.3 Histórias e Causos no Ensino/Aprendizagem

Vejo que hoje, em pleno século XXI, em meio a tantas atrações virtuais, fazer com que as crianças se interessem por histórias contadas, brincadeiras e cantigas pode ser uma tarefa nada fácil, porém, por outro lado pode ser muito prazerosa, por se tratar de uma atividade popular e lúdica, pois, o ato de contar histórias é mágico tanto é para quem ouve quanto para o contador. É o momento em que corpos brincantes se expõem e se expandem no espaço lúdico do ouvinte e do contador; é o momento onde a criança ou o adulto dá asas à sua imaginação, sendo príncipe, princesa, escravo, patrão, mocinho ou vilão, dependendo do momento e da ocasião. Então, o contador se fantasia, canta, dança, interpreta e vive muitas outras facetas. A descontração é tamanha para o contador e o ouvinte, que quem participa perde o pudor de ser ele mesmo. Se é criança, vive sua fase em plenitude.

É incrível, pois quando penso no ato de contar histórias e causos, também nas brincadeiras de faz de conta, nas cantigas infantis e populares, só me vem à cabeça o maravilhoso mundo mágico da criança. Vejo essas atividades lúdicas e populares, principalmente a contação de histórias, impregnadas de uma pureza encantadora e tão significativas para o desenvolvimento cognitivo da criança, como sendo de grande potência no processo de ensino/aprendizagem. Quem participa parece voltar a ser criança novamente, parece que o indivíduo sai da sua fase de adulto e volta no passado para viver uma vida fantástica como criança outra vez

A prática de atividades como a contação de histórias é fundamental para o desenvolvimento afetivo e socializador. Dispor de atividades que façam o aluno pensar, fazer descobertas valorizando suas ações, ideais e atitudes positivas, aumenta sua auto-estima e a valorização pessoal, contribuindo para a construção do conhecimento e da aprendizagem (SANTOS, 2011, p. 40).

Assim, diante de tamanha magnitude das histórias infantis e no ato de contá-las, até parece ser um certo descaso deixar tais práticas perderem-se no tempo, sendo sufocadas pelas tendências tecnológicas com uma gama imensa de coisas que aparentemente parecem mais atrativas, como: cinema, televisão, vídeo game, celular e muitas outras. Longe de mim querer desmerecer os avanços tecnológicos; só penso que o moderno e o antigo podem compartilhar da mesma vibração, fundindo-se em algo prazeroso tanto para as crianças quanto para os adultos, sem deixar perder de vista as práticas de contação de histórias, as brincadeiras antigas e as cantigas populares que são tão importantes para o desenvolvimento da criança dentro do processo de ensino/aprendizagem.

Análises de sociedades consideradas “tradicionais” revelam que as crianças e os jovens podem ser mais que meros receptores de conhecimento, sendo ativos na construção de sentidos e de conhecimentos no processo de aprendizagem (COHN, 2005, p. 38).

As histórias antigas que nossos pais e avós contavam para nós, são verdadeiramente elementos fortíssimos das artes cênicas. Algumas são muito completas, pois trabalham todos os sentidos de quem conta e das crianças ou adultos que ouvem e participam, além de instigá-las no lado criativo e imaginativo. Às vezes, diante disso, volto a ficar reflexivo como no primeiro capítulo deste texto, fico divagando, lembrando da minha infância querida, na comunidade Guanabara, correndo pelo terreiro e no quintal da casa, subindo nas árvores, brincando de pega-pega e mergulhando nas águas claras do córrego Guanabara e esperando ansioso chegar a noite para ouvir as histórias da minha saudosa mãe. Com essas minhas lembranças e com os elementos lúdicos das histórias, das cantigas e brincadeiras infantis, eu recordei de um maravilhoso poema de Casimiro de Abreu intitulado "Meus oito anos":

Meus oito anos

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora de minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é - lago sereno,

O céu é - um manto azulado,
 O mundo - um sonho dourado,
 A vida - um hino d'amor!
 Que auroras, que sol, que vida,
 Que noites de melodia
 Naquela doce alegria,
 Naquele ingênuo folgar!
 O céu bordado d'estrelas,
 A terra de aromas cheia,
 As ondas beijando a areia
 E a lua beijando o mar!
 Oh! Dias da minha infância!
 Oh! Meu céu de primavera!
 Que doce a vida não era
 Nessa risonha manhã!
 Em vez das mágoas de agora,
 Eu tinha nessas delícias
 De minha mãe as carícias
 E beijos de minha irmã!
 Livre filho das montanhas,
 Eu ia bem satisfeito,
 De camisa aberto o peito,
 - Pés descalços, braços nus -
 Correndo pelas campinas
 À roda das cachoeiras,
 Atrás das asas ligeiras
 Das borboletas azuis!
 Naqueles tempos ditosos
 Ia colher as pitangas,
 Trepava a tirar as mangas,
 Brincava à beira do mar;
 Rezava às Ave-Marias,
 Achava o céu sempre lindo,
 Adormecia sorrindo
 E despertava a cantar!
 Oh! Que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!
 - Que amor, que sonhos, que flores.
 Naquelas tardes fagueiras
 À sombra das bananeiras,
 Debaixo dos laranjais! (1972, p.7 e 8).

Fico a pensar, parece que as crianças de hoje estão perdendo a imaginação, não sabem contar histórias e nem apreciar, não conseguem sentar para ouvirem uma história do vovô ou da vovó. As crianças estão muito mudadas, estão perdendo a imaginação... Perdendo não, na realidade os tempos que são outros e o foco das crianças de hoje está mais voltado para às tendências tecnológicas. Nas décadas de 1970 e 1980 eu jogava peteca, pulava corda, brincava de passar anel, brincava de cantar rodinha (maneira que nós referíamos o ato da cantiga de roda) e ficava horas ouvindo histórias dos adultos. Hoje as crianças jogam vídeo game, mexem no celular, assistem televisão e ficam postando nas redes sociais. No meu tempo de garoto eu realmente brincava e agia como

criança, tinha uma pureza na alma que raramente encontramos em nossas crianças do século XXI.

No nosso mundo contemporâneo podemos verificar as perdas anunciadas por Walter Benjamin, em seu texto “O narrador”, disseminadas pela massificação que banaliza a leitura do cotidiano e dissolve a capacidade que temos de nos maravilharmos com a vida e de nos surpreendermos a cada instante. Ora, entendo que os atos de ouvir e contar histórias resgatam essa experiência visceral de um mergulho profundo nas percepções do entorno e na fruição desse mergulho. Com o fio da narrativa, ouvinte e narrador tecem juntos um tecido invisível, porém absolutamente sensível capaz de despertar o humano adormecido, entorpecido pelo ritmo acelerado imposto pelos tempos de hoje (BEDRAN, 2012, p. 18)

Deste modo, quase que em tudo, as Histórias Infantis, assim como as brincadeiras e cantigas foram substituídas por brinquedos mirabolantes de grandes recursos tecnológicos e pelas tendências tecnológicas como já foram citadas nesse texto. Percebo hoje certo distanciamento de nossas crianças com os elementos lúdicos das histórias e das brincadeiras que são realmente de crianças e essenciais no desenvolvimento. É muito triste, mas muitas das nossas crianças estão pulando fases da vida, estão se tornando adultas mais cedo. A infância na minha opinião é a fase mais linda do ser humano e está sendo interrompida, devido a alguns fatores no tocante ao meio social em que vivemos.

É no brincar que a criança se apropria da realidade dando-lhes significado. É importante escolher brincadeiras adequadas para que a aprendizagem da criança aconteça de forma agradável e compreensível.

A aprendizagem por meio dos jogos, brincadeiras e até mesmo de leitura de histórias é uma das melhores maneiras da criança construir o seu conhecimento.

O lúdico ajuda a criança a entrar em contato com o mundo imaginário e ao mesmo tempo com o mundo real, e ali é possível desenvolver habilidades de criar e relacionar esses conhecimentos, pois assim serão capazes de compreender todo tipo de informação, por isso as atividades lúdicas são exercícios necessários e úteis à vida (SOUSA, 2015, p. 186).

Já que meu foco principal são as histórias e o ato de conta-las, quero aqui registrar um fato muito interessante que aconteceu comigo já na fase adulta, mas com elementos lúdicos da minha infância. Eu tive uma oportunidade ímpar na vida, pois na mesma escolinha por nome “15 de novembro” onde estudei na comunidade rural Guanabara até a 4ª série, como era chamada na época, porque depois fui para a cidadezinha estudar a partir da 5ª série, quando eu estava já fazendo a 8ª série lá na cidade fui convidado a dar aula em sala multi-seriada na mesma comunidade.

Nesse período pude perceber como era diferente a forma dos meus alunos brincarem. Muitas das brincadeiras que eu conhecia e praticava quando criança na mesma

comunidade já não existiam mais, assim também o ato de ouvir e contar histórias. Isso de certa forma me entristeceu o coração, porém, tive a chance de apresentar aos meus alunos algumas das minhas brincadeiras e histórias favoritas do meu tempo de menino, como: Os três mocinhos da Europa ou Os três negrinhos da África de Viola Spolin (2015), jogar peteca, passar anel, roubar bandeira e algumas cantigas de roda com versinhos em formas de repente, como: fui na Bahia buscar meu chapéu, xô pavão-pavão da ventania, tanta laranja madura menina, o ceguinho que anda a pedir, meu limão meu limoeiro e muito mais. E das histórias apresentei as minhas preferidas que minha mãe e dona Cota contavam: Pedro, José e Joãozinho, O príncipe Pato, A Mora Torta, A menina e a figueira e a história do pai (rei) que queria casar com a própria filha (princesa).

Diante do que abordei no parágrafo acima, quero usar da escrita desse texto para citar 12 versinhos dos mais falados nas cantigas de roda da minha infância dourada e perfumada:

- No alto daquele morro tem dois passarinhos cantando; eles cantam de alegria de ver nós dois namorando.
- Menininha bonitinha que passou ali agora, se for casada me desculpa, se for solteira me namora.
- Atrás da minha casa tem um pé de abacaxi, minha mãe tenha cuidado que nessa noite eu vou fugir.
- O sol já vai entrando por cima da verde mata, sete paixões me acompanham, sete saudades me matam.
- Por de trás daquela serra passa boi, passa boiada, também passa moreninha do cabelo cacheado.
- No alto daquele morro tem dois pilãozinhos de vidro, um bate outro responde menininha casa comigo.
- Sete e sete são catorze, com mais sete vinte e um, eu tenho sete namorados, mas para casar é só com um.
- Vou dar a despedida como deu o pavão do Norte, soltando sangue pelo bico, dando o suspiro da morte.
- Do céu vem caindo três caixinhas de ABC, a do meio vem dizendo que só caso com você.
- Menininha bonitinha, sobancelha de veludo, sei que seus pais são pobres, mas você merece tudo.

- Batatinha quando nasce esparrama pelo chão, mamãezinha quando deita põe a mão no coração.

- Seu eu soubesse que viria eu mandava te buscar, dentro de um balão de ouro para o sol não te queimar.

Nas noites de lua cheia e clara prateando as mentes da garotada, as histórias e brincadeiras rolavam soltas, pois a minha diversão e de muitos outros colegas que viviam em sítios ou fazendas se baseava especificamente nessas práticas lúdicas e maravilhosas, tão fundamentais para o desenvolvimento da criança no processo do ensino/aprendizagem. Muitas das vezes reuniam meninos e meninas para brincarem de casinha, aí fazíamos cozinhadinha (comidinha), batizado de bonecas com direito a fogos e tudo. A brincadeira do batizado era tão levada a sério que até hoje minhas irmãs têm comadres de batizado de bonecas. Nesse meio tempo, os causos contados pelos adultos eram frequentes. Lembro de um contado pelo o senhor Santo compadre da minha mãe; não sei se era história de pescador, mas ele narrava com muita convicção. Segundo o senhor Santo, um dia no finalzinho da tarde ele foi pescar, já tinha mais de uma hora que estava com o anzol na água e nem beliscava na isca. De repente ele sentiu que puxou muito forte no anzol que a vara envergou e quase quebrou, então ele deu uma físgada e com um pouco de dificuldade foi trazendo o peixe para cima, mas quando chegou fora d'água teve uma grande surpresa, na verdade não era peixe, mas sim, um moleque preto, peludo e de olhos vermelhos que o encarou deixando-o meio hipnotizado, mas quando ele deu conta de si, jogou a vara na água e foi embora correndo para casa. Ele falou que só depois de três dias conseguiu falar e pode contar o que tinha acontecido.

Infelizmente, essas práticas tão ricas que vão além do entretenimento, são extremamente importantes para o desenvolvimento cognitivo da criança durante o processo do ensino/aprendizagem, quase não existem mais, principalmente nos centros urbanos.

Assim, todas as festas comemorativas da comunidade era motivo para os adultos contarem causos fantasiosos e verídicos para as crianças brincarem de faz de conta, cantigas e contarem historinhas. Um detalhe interessante, na festa de São João nós brincávamos de passar na fogueira e nos tornávamos compadres/comadres e tudo era muito divertido, as três pastorinhas onde cada uma tinha seu rebanho de ovelhas e tinha que cuidar muito bem por causa do lobo faminto, brincávamos de passar anel, cair no poço, roubar bandeira, liga e os três negrinhos da África e muitas outras.

Tudo isso, sem falar das histórias que mamãe contava para mim, tinham histórias alegres, tristes e de terror. Minha mãe, dona Etelvina, era uma excelente contadora de histórias, além de ser uma parteira fenomenal que trouxe muitas crianças ao mundo. Ela ficava horas e horas contando histórias e causos antigos ocorridos com seus antepassados para nós. De todas as histórias que ela me contava duas são muito vivas até hoje na minha mente, uma é da Silvana que se resume em: um rei que queria casar com a própria filha, ela recusou, aí ele a encerrou em uma torre bem alta e proibiu que a ajudassem e se alguém desobedecesse era degolado a fio de espada. Ele deixou com a filha somente um soco de sal e sem água para beber. Então, quando do alto da torre que ela via alguma pessoa passando, cantava de acordo com o seu nível de intimidade com a mesma. Era mais ou menos assim: Minha madrinha de batizado peço pelo amor de Deus, traz de lá um jarro d'água para Silvana beber. A pessoa respondia cantando: Silvana minha afilhada água eu não lhe dou, pois, seu pai já te jurou pela cruz e a espada quem dar água a Silvana tem quer ser degolado. Aí um certo dia, com a princesa já desfalecendo de tanta sede, desceu dos céus um anjo com uma jarra d'água e deu para Silvana beber e a arrebatou. No mesmo momento o pai da moça foi consumido com uma chama de fogo que também desceu dos céus.

A contação de história nas escolas era uma forma de distrair as crianças e hoje vem ressurgindo a figura do contador de histórias. De acordo com vários estudiosos, a contação de histórias é um precioso auxílio à prática pedagógica de professores na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A contação de história instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo (MATEUS et al., 2014, p. 55).

A outra história é de um senhor que era tropeiro, ele ficou viúvo muito cedo ficando com uma filhinha pequena; por não ter ninguém para ficar com sua filha quando viajava, ele tratou de casar rápido novamente. Então, ele arrumou uma mulher que era um anjo na sua presença, mas o demônio longe dele. Sua casa era ampla, com um enorme quintal e uma grande plantação de figos. Certo dia o homem arriou sua tropa e saiu em viagem com seu empregado deixando sua filha amada a mercê da madrasta malvada que fazia a menina ficar o dia inteiro cuidando da figueira para os pássaros não comerem os frutos. Assim, a menina passava o dia inteiro espantando os pássaros, com sua voz doce e suave. Então ela cantava assim: “Xô! Xô! Passarinho da figueira, não comam o figo não...”

Aconteceu que um dia a madrasta estava mais endiabrada que nunca e espancou tanto a menina que ela veio a óbito. Com isso, a megera ficou desesperada e enterrou o

corpo da menina no quintal de casa no meio da plantação de figo. No túmulo nasceu uma touceira de capim verdinho e bastante espreça. Passados alguns dias o pai chegou da viagem e perguntou logo pela sua filha e a madrastra meio ressabiada falou que tinha mandando a menina passear na casa da tia no vilarejo. Mas, nesse meio tempo o empregado do homem que tinha ido colher figos maduros para comer chegou correndo, contou que encontrou uma moita de capim muito bonita no quintal e quando ele puxou uma folha, ele ouviu cantar assim: “Oh, empregado do meu pai, não puxe meu cabelo não, foi minha madrastra que me matou pelo figo da figueira.”

Então, o pai saiu correndo, chegando lá e puxou uma folha e ouviu a seguinte melodia: “Oh, meu pai, não puxe meu cabelo não, foi minha madrastra que me matou pelo figo da figueira.” Então, o pai ficou triste e muito furioso ao mesmo tempo e mandou a esposa puxar também, ela quis recusar, mas ele a obrigou, aí ela puxou e ouviram: “Oh, minha madrastra, não puxe meu cabelo não, foi a senhora que me matou pelo figo da figueira.” Nesse momento o pai pediu que seu empregado buscasse uma pá e deu jeito de cavar rapidamente a cova, quando descobriu a menina tiveram uma surpresa, ela estava perfeita e dormindo um sono profundo, então o pai pegou ela nos braços e a garotinha despertou e abraçou o pai fortemente. Aí ela contou tudo o que a madrastra fazia com ela. O pai pediu a seu empregado que pegasse o burro mais bravo, aquele que não tinha sido adestrado ainda e amarrou a mulher no burro e soltou sem direção.

A minha mãe contava as histórias imitando as personagens e cantava como ninguém. As canções populares eram de autor desconhecido e de domínio público. Eu ficava vidrado em todos os gestos que ela fazia e quando cansava parava um pouco, aí nós insistíamos e ela continuava. Minha mãe era uma mulher fantástica e ela nos ensinou tantas brincadeiras, canções e versinhos; ela era uma tremenda atriz e não sabia, interpretava como ninguém, tramitava em todas as linguagens do teatro: drama, comédia, improviso e melodrama. Tudo isso que vivi me influenciou a desenvolver essa pesquisa. Aí está o porquê das minhas memórias emotivas me fascinarem tanto.

2.4 O Lúdico Infantil no processo de desenvolvimento cognitivo da criança

Hoje, quando vejo uma criança brincando, percebo que, realmente as coisas não são como antes, o lúdico infantil já não é mais tão presente no cotidiano da criança, isso pode repercutir de maneira negativa no seu desenvolvimento cognitivo, dificultando o seu aprendizado. Diante disto, a contação de histórias pode ser uma excelente estratégia para

trabalhar a criança para que se dê um processo de ensino/aprendizagem de forma mais legítima.

As histórias são uma maneira mais significativa que a humanidade encontrou para expressar experiências que, nas narrativas realistas, não acontecem. A contação de histórias, além de pertencer ao campo da educação e à área das ciências humanas, é uma atividade comunicativa. Por meio dela, os homens repassam costumes, tradições e valores capazes de estimular a formação do cidadão (MATEUS et al. 2014, p. 56).

Comigo era muito diferente, quando eu era criança, as maravilhosas brincadeiras nos formatos de encenação, contação de histórias e Literatura de Cordel fizeram parte da minha infância. Recordo muito bem que depois das brincadeiras encenadas, a brincadeira Cobra Cega era muito apreciada. Um pote de barro era cheio de balinhas, pirulitos, chicletes e outros doces que criança adora e era amarrado em uma árvore ficando suspenso do chão. Aí, um adulto tinha os olhos vendados e com um pedaço de pau tinha que quebrar o pote. Quando a pessoa conseguia quebrar o bendito pote era o máximo, a meninada amontoava-se catando as guloseimas que caíam no chão.

Falando da contação de histórias e do lúdico infantil, eu, desde muito cedo, tive contato com a Cultura Popular, pois meu pai participava da Folia de Reis, então presenciei muitas vezes cortejos de foliões com seus palhaços/ou bonecos como são conhecidos em outras regiões e o ritual de chegada na casa das pessoas. As brincadeiras que os palhaços faziam eram puras, ingênuas e muito teatrais, também com uma dinâmica extremamente lúdica e poética. As histórias que os foliões contavam deles mesmos eram muitas; algumas engraçadas, relacionadas às situações embaraçosas que eles passavam durante o período que perambulavam. Assim, suas aventuras eram contadas de forma humorada por eles. O fato desses foliões contarem suas próprias aventuras aproxima-se muito da ideia que Hartmann (2009) apresenta com o povo da região fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai, quando diz que:

Este artigo, portanto, é dedicado a uma análise da importância do corpo na criação narrativa dos contadores de "causos" da região fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai, e de como esta questão é potencializada no momento de suas performances. Início com uma pequena síntese dos estudos sobre corpo e corporalidade na antropologia, em especial aqueles que enfocam as relações entre corpo, noção de pessoa, memória e conhecimento, no sentido de estabelecer o cenário teórico para a discussão dos dados etnográficos, abordados na sequência (p.218 e 219).

O corpo do contador de histórias é o seu principal instrumento de trabalho, suas narrativas se constroem a partir do próprio corpo dando veracidade à história contada.

Toda potencialidade desse corpo é levada em conta no momento em que o contador narra uma história sobre si mesmo. Os palhaços do cortejo Folia de Reis faziam isso com muita facilidade.

Assim, o meu contato com a Arte foi evoluindo. A partir da quinta série, quando fui estudar na pequena e pacata cidade Reserva do Cabaçal comecei a participar de Festas Juninas fazendo casamento caipira, mas ainda morando no sítio. Poucos anos depois mudamos de vez para a cidade e comecei a frequentar a igreja católica, aí me tornei catequista e militante de grupo de jovens. A partir de então comecei a participar com o grupo católico ajudando a enfeitar as ruas no dia de Corpus Christi e na sexta-feira da paixão encenando a Paixão e Morte de Jesus Cristo. Era algo muito prazeroso.

Num belo dia, descobri que o meu professor de Ciências e Educação Artística, Debrail Andrade, liderava um grupo de teatro com o nome de “Palcos & Quintais”. O nome do grupo sugere que em qualquer lugar dá para fazer teatro, seja no palco ou no quintal de casa. O grupo foi criado na época com o intuito de entreter as pessoas da pequena cidade, por não terem outras opções de diversão. Mas como eu estava falando do meu professor Debrail que liderava o grupo de teatro na época, procurei ele e perguntei se eu podia participar, então ele falou que sim e me convidou para participar de uma oficina. Meu Deus, essa oficina foi um desafio. Eu vim da roça e era muito tímido, quase nem falava e me atrevi a participar de uma oficina de teatro.

Então, no dia da oficina, o professor, antes de começar, pediu que todos tirassem os calçados e caminhassem pelo salão preenchendo sempre os espaços vazios, foi aí que dei uma trombada com uma das participantes que quase me metralhou com o olhar, me senti naquele momento um inseto de tão insignificante, mas permaneci no processo. Isso não foi nada, o pior ainda estava por vir. O professor propôs que sentássemos em círculo e que cada um escolhesse um animal que se identificasse, até aí tudo bem. A barreira que tive que romper foi quando ele pediu que cada um, individualmente, entrasse na roda e imitasse o animal que escolheu. Nossa, foi muito difícil para mim! Meu coração parecia que ia sair pela boca. Mas eu fiz. O trauma foi tamanho que não lembro o que fiz e nem o animal que escolhi. Mas a partir desse dia nunca mais deixei de fazer teatro.

Sendo assim, seguindo na minha trajetória, depois do primeiro contato com o Teatro me tornei catequista e militante de grupo de jovens e, ao mesmo tempo, comecei a participar do grupo de teatro “Palcos & Quintais”. A partir daí comecei a atuar em peças teatrais na cidade e me tornei a principal referência do teatro da comunidade, participando de festivais regionais e estaduais. Assim, a minha trajetória dentro do teatro segue até nos

dias atuais, com a finalização do meu curso Licenciatura em Teatro pela UnB – Universidade de Brasília que iniciou no ano de 2014.

Todas as minhas histórias, desde a minha infância no campo, até minha fase adulta na cidade envolvido com teatro, serviram de incentivo para que eu pudesse desenvolver este Trabalho de Conclusão de Curso. Uma forma de proporcionar ao leitor momentos de reflexão, possibilitando-o possíveis lembranças de alguns momentos significativos de sua infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto a este trabalho de pesquisa desenvolvido, vejo como uma possibilidade de potencialização e difusão da contação de histórias dentro das Artes Cênicas e de alguma forma, fazer o uso dos elementos lúdicos do universo infantil como as histórias e causos, cantigas de roda, os versinhos e as brincadeiras de faz de conta.

O texto traz ao leitor abordagens referentes à teatralidade e aos elementos lúdicos do universo infantil como: brincadeiras, cantigas de roda e contação de histórias. Elementos fundamentais no desenvolvimento cognitivo da criança, reverberando no seu processo de ensino/aprendizagem. O lúdico infantil é tão significativo na vida de uma criança que pode ser uma potência para ela durante toda sua existência, fazendo dela um ser melhor, capaz de lidar de maneira mais coerente e sábia com os desafios que encontra durante sua existência.

Em todo esse processo, o teatro tem um papel fundamental, pois é uma arte interdisciplinar que se relaciona intimamente com todas as outras linguagens artísticas lúdicas, como as que são abordadas neste trabalho de conclusão de curso. Todos os elementos lúdicos infantis, em pleno século XXI, onde quase tudo é imediato e descartável, podem servir de conexão entre a criança e o aprendizado, em meio a essa loucura que o indivíduo vive hoje.

As histórias e causos ainda são contados até hoje no século XXI, creio que de forma mais atrativas que no passado, porém, por vias orais são menos praticadas, a não ser por artistas que tem a contação de histórias com ofício e por muitos profissionais da Educação que procuram uma dinâmica mais lúdica para ensinar seus alunos.

Assim, tudo é efêmero, está tudo em constante mutação, as brincadeiras infantis estão bem mudadas e menos praticadas. Hoje as crianças estão com suas mentes focadas em outras coisas como as redes sociais. As brincadeiras aos poucos estão sendo substituídas pelos jogos eletrônicos e pelos telefones móveis. Os carrinhos não precisam mais de serem puxados por uma cordinha, quase todos são a bateria. As bonecas cada vez mais sofisticadas, estão com aparência humana, falam, choram, cantam e fazem xixi.

Sendo assim, seja na escola através do educador ou em casa pelos pais, é fundamental que a criança tenha contato com os elementos lúdicos do universo infantil, elementos esses que podem ser encontrados na contação de histórias, nas brincadeiras, cantigas de roda e em outras linguagens referentes ao contexto da teatralidade. Isso, ajudará a criança em seu desenvolvimento cognitivo no processo de ensino/aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Casimiro de. *As Primaveras*. São Paulo: Livraria Editora Martins S/A coedição Instituto Nacional do Livro, 1972. Acesso em: 25/10/2017.

<http://www.culturatura.com.br/obras/As%20primaveras.pdf>

BEDRAN, Bia. *A Arte de Cantar e Contar Histórias – narrativas orais e processos criativos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2012. Acesso em: 13/11/2017.

http://www.artes.uff.br/dissertacoes/2010_bia_bedran.pdf

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Impressão: Cromosete Gráfica e Editora. Rio de Janeiro, 2005.

FARIAS, Elaine Gebrim. *As cantigas e brincadeiras de roda como instrumento pedagógico na alfabetização*. UnB / UaB – Alto Paraíso de Goiás-GO-2013. Acesso em: 13/11/2017.

http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7827/1/2013_ElaineGebrimdeFarias.pdf

GOMES, Célia. *Narração de Histórias*. Texto elaborado para o projeto Despertar Arte e Cultura em UTIs, em 2008. Acesso em: 03/11/2017.

<file:///C:/Users/ricof/Downloads/Narracao-Historias-Celia-Gomes.pdf>

HARTMANN, Luciana. *A memória na Pele: performances narrativas de contadores de causos*. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil, 2009.

HARTMANN, Luciana. 'Revelando' Histórias: os usos do audiovisual na pesquisa com narradores da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. Campos 5(2):65-86, 2004.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca. et al. *A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil*. 2014. Acesso em: 14/11/2017.

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227>

MINNER, Horace. *O Ritual do Corpo entre os Sonacirema*. In: "American Anthropologist, vol. 58 (1956), pp. 503 - 507. "Body ritual among the Nacirema"

PAVIS, Patrice (1947). *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PORTAL EDUCAÇÃO. *A importância do lúdico na infância*. 2013. Acesso em: 12/11/2017.

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/importancia-do-ludico-na-infancia/32260>

RAMOS, Ana Cláudia. *Contação de Histórias: Um caminho para a formação de leitores?* Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, PR, 2011. Acesso em: 02/11/2017.

http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011_-_RAMOS_Ana_Claudia.pdf

SANTOS, Rosana Maria dos. *A Contação de Histórias como Instrumento de Socialização na Educação Infantil*. Três Cachoeiras, 2011. Acesso em: 14/11/2017.

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71970/000880723.pdf>

SARRAZAC, Jean-Pierre. *A invenção da teatralidade*. Sala Preta, vol. 13, n. 1, junho, 2013, p. 56-70. Acesso em: 14/11/2017.

<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57531/60565>

SOUSA, Kelly Nunes Caetano de. *A importância do lúdico na infância*. Sistema Integrado de Publicações Eletrônicas da Faculdade Araguaia – SIPE. v.3 · 2015· p. 166-187. Acesso em: 29/10/2017.

[file:///C:/Users/ricof/Downloads/276-557-1-SM%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/ricof/Downloads/276-557-1-SM%20(2).pdf)

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula: um manual do professor*. Perspectiva, 2015.